



Willian Barr pensa que a América está a ir para o Inferno e ele está em missão de usar a "autoridade" do poder executivo para o impedir.

The New York Times

Foto acima: O Procurador-Geral William Barr. Sob o seu comando, o Departamento de Justiça tem sido notável por ajudar os cristãos conservadores.

Katherine Stewart e Caroline Fredrickson

29 de Dezembro de 2019

(A Sra. Stewart é autora de "The Power Worshipers": Inside the Dangerous Rise of Religious Nationalism". Fredrickson é presidente emerita da Sociedade da Constituição Americana).

Por que razão um leão aparentemente respeitável e semireligioso do estabelecimento de Washington minaria as instituições que jurou defender, incineraria a sua própria reputação e pareceria deturpar deliberadamente os relatórios dos procuradores e inspectores-gerais especiais, todos em defesa de um dos presidentes mais sem lei e corruptos da história americana? E por que razão apareceu este Procurador-Geral específico neste momento crucial da nossa República?

Está a surgir uma compreensão mais profunda de William Barr, que revela algo de profundo e perturbador sobre a evolução do conservadorismo na América do século XXI.

Algumas pessoas têm defendido que o Sr. Barr é simplesmente um pirata partidário - disposto a fazer o que for preciso para fazer avançar os interesses do seu próprio partido político e da sua liderança. Esta opinião encontra amplo apoio nas próprias palavras do senhor deputado Barr. Num discurso proferido no dia 15 de Novembro, na Convenção dos Advogados Nacionais da Sociedade Federalista em Washington, Barr acusou os opositores políticos do Presidente Trump de "abusos sem precedentes" e afirmou que eles estavam "empenhados no desvirtuamento sistemático das normas e no enfraquecimento do Estado de direito".

Difícilmente é a primeira vez que o Sr. Barr sai das normas há muito estabelecidas para o comportamento dos procuradores-gerais. No seu anterior mandato como Procurador-Geral, durante a Presidência George H.W. Bush, o Sr. Barr assumiu o papel de ajudar a fazer

desaparecer o processo contra funcionários da administração Reagan envolvidos no caso Irão-contrato. A situação demonstrou que "pessoas poderosas com aliados poderosos podem cometer crimes graves em altos cargos", segundo Lawrence Walsh, o procurador independente nesse caso. De acordo com alguns críticos, Barr entregou os bens partidários na altura, tal como os está a entregar agora.

Outro ponto de vista é que o Sr. Barr é principalmente um defensor de uma certa interpretação da Constituição que atribui o máximo poder ao executivo. Também esta opinião encontra amplo apoio nas próprias palavras do senhor deputado Barr. No discurso à Sociedade Federalista, ele disse: "Desde meados dos anos 60, a autoridade do poder executivo tem vindo a ser cada vez mais reduzida, o que acelerou depois de Watergate". Em Julho, quando o Presidente Trump afirmou, em comentários a um grupo de estudantes conservadores, "tenho um artigo II onde tenho o direito de fazer o que quiser como presidente", é razoável supor que esta é a sua versão CliffsNotes da ideologia do Sr. Barr.

Ambos os pontos de vista são suficientemente precisos. Mas pelo menos desde o infame discurso do Sr. Barr na Faculdade de Direito da Universidade de Notre Dame, em que culpou os "secularistas" pelo "caos moral" e "imenso sofrimento, destroços e miséria", tornou-se claro que nenhuma compreensão de William Barr pode ser completa sem ter em conta as suas opiniões sobre o papel da religião na sociedade. Para isso, é esclarecedor rever a forma como o senhor deputado Barr dirigiu o seu Departamento de Justiça sobre questões relativas à cláusula da Primeira Alteração que proíbe o estabelecimento de uma religião estatal.

Em Maryland, o departamento apressou-se a defender o financiamento dos contribuintes para uma escola religiosa que diz que o casamento entre pessoas do mesmo sexo está errado. Em Maine, está a defender os pais que estão a processar uma lei estatal que proíbe as escolas religiosas de obterem financiamento dos contribuintes para promoverem as suas próprias doutrinas sectárias. No seu Departamento de Justiça, Barr disse aos estudantes de Direito em Notre Dame: "Estamos atentos a casos ou acontecimentos em todo o país

onde os Estados estão a aplicar incorrectamente a cláusula de estabelecimento de uma forma que discrimina as pessoas de fé".

Nestes e noutros casos, o senhor deputado Barr abraçou por completo a retórica da "liberdade religiosa" do movimento nacionalista cristão de hoje. Quando os nacionalistas religiosos invocam a "liberdade religiosa", é tipicamente um código de privilégio religioso. A liberdade que têm em mente é a liberdade das pessoas de certas variedades conservadoras e autoritárias de religião para discriminar aqueles de quem desaprovam ou sobre os quais desejam exercer o poder.

Esta forma de "liberdade religiosa" procura fomentar o sentimento de perseguição e paranóia de um conjunto de grupos religiosos conservadores que se vêem a si próprios como estando à beira de perder a sua legítima posição de domínio sobre a cultura americana. A forma de "liberdade religiosa" procura fomentar o sentimento de perseguição e paranóia de um conjunto de grupos religiosos conservadores que se vêem à beira de perder a sua legítima posição de domínio sobre a cultura americana. O objectivo desta retórica de "liberdade religiosa" não é apenas garantir um lugar de privilégio, mas também justificar o financiamento público para o tipo certo de religião.

O Sr. Barr tem uma longa história de apoio precisamente a este tipo de "liberdade religiosa". Em Notre Dame, ele comparou alegadas violações da liberdade religiosa com imperadores romanos que obrigavam os súbditos cristãos a participar em sacrifícios pagãos. "A lei está a ser usada como aríete para quebrar valores morais tradicionais e estabelecer o relativismo moral como uma nova ortodoxia", afirmou.

Os observadores do Barr saberão que isto não é novidade. Num artigo de 1995, escreveu para *The Catholic Lawyer*, que, como Emily Bazelon salientou recentemente, parece ser uma espécie de projecto para o seu discurso em Notre Dame, queixou-se de que "vivemos numa era cada vez mais militante e secular" e exprimiu a sua profunda preocupação com a possibilidade de a lei obrigar os senhorios a alugarem a casais não casados. Implicou que a ideia de as universidades poderem tratar "grupos de activistas homossexuais como qualquer outro grupo de estudantes" era intolerável.

Esta forma de "liberdade religiosa" não é uma mera questão secundária para o senhor Barr, nem para os outros nacionalistas religiosos que passaram a dominar o Partido Republicano. O senhor deputado Barr deixou isto bem claro. Todos os problemas da modernidade - "os destroços da família", "níveis recorde de depressão e doença mental", "toxicodependência" e "violência sem sentido" - resultam da perda de uma interpretação estrita da religião cristã.

Os grandes malfeitores do discurso de Notre Dame são não-crentes que aparentemente andam pelas ruas a pilhar tudo o que é bom e sagrado. As soluções para os males da sociedade, declarou o senhor deputado Barr, vêm da fé. "Os padrões morais judaico-cristãos são as últimas regras utilitárias para a conduta humana", disse ele. "A religião ajuda a enquadrar a cultura moral dentro da sociedade que infunde e reforça a disciplina moral". Ele acrescentou: "O facto é que nenhum credo secular surgiu capaz de desempenhar o papel da religião".

Dentro deste quadro ideológico, os fins justificam os meios. A esta luz, o hiperpartidarismo do senhor deputado Barr é o sintoma, não a doença. Nas reuniões nacionalistas cristãs e de estratégia, o Partido Democrata e os seus apoiantes são rotineiramente descritos como "demoníacos" e associados a "governantes da escuridão". Se sabemos que a sociedade está sob a terrível ameaça existencial dos secularistas, e sabemos que todos eles encontraram um lar na outra parte, todos os compromissos concebíveis com princípios, todas as violações éticas, todos os acordos de bastidores são não só justificáveis como imperativos. E, como demonstra a reacção perversa ao editorial anti-Trump Today, qualquer ruptura com este alinhamento partidário será imediatamente denunciada como heresia.

É igualmente claro que a interpretação maximalista que o Sr. Barr faz do poder executivo na Constituição é apenas um efeito, e não uma causa, dos seus compromissos ideológicos. Na verdade, não é realmente uma interpretação. É simplesmente uma afirmação infundada de que o Presidente tem o que são os poderes monárquicos. "George III teria adorado", disse Douglas Kmiec, professor de direito na Pepperdine, que em tempos ocupou o cargo de chefe do Gabinete de Assessoria Jurídica do Departamento de Justiça do Sr. Barr, da teoria do Sr. Barr. É quase irrelevante notar, como escreveu recentemente o

grupo de advogados conservadores Checks & Balances, que a visão da história do Sr. Barr "não tem base factual".

A interpretação constitucional do Sr. Barr é simplesmente uma fachada para o seu compromisso com o autoritarismo religioso. E isso, na verdade, vai ao cerne da questão. Se sabe alguma coisa sobre os fundadores da América, sabe que eles se opunham apaixonadamente à ideia de uma monarquia religiosa. E esta é a chave para compreender a pergunta: "O que é que Bill Barr quer?".

A resposta é que o movimento conservador americano, tendo-se transformado num movimento nacionalista religioso, está em rota de colisão com o sistema constitucional americano. Embora os conservadores tenham há muito afirmado ser os verdadeiros defensores da Constituição - lembrem-se de toda aquela conversa durante as anteriores administrações republicanas sobre "originalismo" e "contenção judicial" -, o movimento que agora controla o Partido Republicano está empenhado num conjunto de ideias que são fundamentalmente incompatíveis com a Constituição e a República que os fundadores criaram sob os seus auspícios.

A presidência do Sr. Trump não foi a causa deste movimento antidemocrático na política americana. Foi a consequência. Ele é o instrumento escolhido, não de Deus, mas dos nacionalistas cristãos de hoje, dos seus aliados políticos e financiadores, e do aparelho jurídico do movimento. O Sr. Barr não surgiu para servir este único líder em particular. Pelo contrário, o Sr. Trump serve um movimento que irá cinicamente louvar a Constituição para a destruir, e do qual o Sr. Barr se tornou um herói.

<https://www.nytimes.com/2019/12/29/opinion/william-barr-trump.html>

Traduzido pelo DeepL Translate